



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 18/01/19

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Mercado equilibrado .....	2
Brasil primer proveedor de carne vacuna de la UE.....	2
Países árabes importaron en 2018 el mayor volumen de los últimos once años.....	2
Aprueban protocolo para habilitar vacunos que no se destinen a la Cuota Hilton .....	3
Proyectan mayor “autocontrol “ en frigoríficos pero mantendrían inspección veterinaria oficial por exigencias internacionales.....	3
Revisan exigencias para ocupar cargos.....	4
Foro Davos: estudio analiza el futuro de la producción y demanda de carne .....	4
Bolsonaro pide “concluir rápidamente” las negociaciones del Mercosur con UE .....	5
Carne Fraca: abren investigación contra políticos involucrados .....	5
Embrapa investigará la maduración en seco .....	6
<b>URUGUAY</b> .....	<b>6</b>
Novillos muestran el menor nivel en los últimos 40 años.....	6
Mercado ganadero está firme y lluvias dificultan las cargas .....	6
La escasez de novillos erosiona los márgenes industriales.....	7
¿Qué impacto puede tener el Brexit para la carne uruguaya?.....	7
La ganadería al achique: caerían faena y exportación en pie en 2019 .....	8
El ministro Benech reivindicó los controles contra el abigeato .....	9
Uruguay realizó un 143% más de importaciones de carne vacuna en 2018 .....	9
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>9</b>
Disminución que registra faena de vacas es positiva, afirman .....	9
Exportaciones de carne vacuna de Paraguay cayeron 3% en 2018 .....	10
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>10</b>
<b>BREXIT</b> .....	<b>10</b>
Ganaderos irlandeses expresan preocupación ante la importancia del Mercado inglés .....	10
Urgen a que haya acuerdo.....	11
National Farmers Union propone bases para un posible acuerdo.....	11
Europa se prepara para BREXIT caótico.....	11
Buenos resultados para las exportaciones cárnicas irlandesas.....	12
Las cámaras privadas de televisión serán obligatorias en los mataderos de Escocia .....	13
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>13</b>
Mercado ganadero sufre el impacto de las temperaturas invernales.....	13
Industria intenta salvaguardar el uso de la palabra “CARNE”.....	14
Cierre del gobierno .....	15
FSA ofrece servicios limitados .....	15
No publican informes fundamentales.....	16
USDA: Carne bovina: saludable y sustentable.....	16
<b>VARIOS</b> .....	<b>18</b>
SUDÁFRICA Brote de fiebre aftosa golpea a la industria cárnica .....	18
VIETNAM reduce aranceles de importación de carnes en el marco del TPP -11 .....	18
NUEVA ZELANDA: menor plantel lechero, crece el rodeo bovino .....	18
CANADA entran en vigencia nuevas reglas de seguridad alimentaria .....	19
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>19</b>
BRASIL Programa Carne Pampa creció el número de animales en 2018 .....	19
Carrefour monitoreará a sus proveedores de carnes en FRANCIA.....	20



## **BRASIL**

### **Mercado equilibrado**

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2019 O lento escoamento de carne fez com que alguns frigoríficos saíssem das compras na última quinta-feira (17/1), uma vez que os estoques estão suficientes para atender o consumo.

Mesmo as indústrias com escalas relativamente enxutas não encontram dificuldade para regular a oferta à demanda vigente.

A demanda fraca associada ao aumento gradativo da oferta de bovinos pressiona o mercado. Este é o cenário da maioria das regiões pecuárias.

A exceção fica por conta do Rio Grande do Sul, onde a disponibilidade de animais está menor e, com isso, os compradores seguem ofertando preços firmes.

### **Brasil primer provedor de carne vacuna de la UE**

14/01/19 - por Equipe BeefPoint Apesar dos percalços nas relações com a União Europeia (UE), sobretudo depois dos embargos decorrentes da Operação Carne Fraca, o Brasil manteve a sua liderança nas exportações de produtos agrícolas para o bloco. Além disso, o país foi o que mais aumentou as vendas, em valor, entre novembro de 2017 e outubro de 2018, segundo dados da Comissão Europeia.

Contando ainda com o Reino Unido, os 28 países da UE gastaram, ao todo, €115,2 bilhões nas importações de produtos agrícolas no período. Principal origem, o Brasil foi responsável por cerca de 10% das importações, em valor. A UE desembolsou €12 bilhões nas compras de produtos brasileiros, incremento de 2,6% comparado ao período anterior.

O valor das importações procedentes do Brasil aumentou em € 299 milhões, o maior entre os fornecedores do bloco europeu. Com isso, o Brasil acumulou um superávit de €10,2 bilhões no comércio agrícola com a UE. No período, o país gastou apenas €1,8 bilhão em produtos europeus.

Na lista de fornecedores da UE, somente os Estados Unidos ficam próximos do Brasil como grande fornecedor de produtos agrícolas à Europa. As compras de produtos americanos custaram €11,5 bilhões. Na terceira posição, vem a China, com €5,5 bilhões. A Argentina é o quarto, com €5,1 bilhões. A receita com as vendas do país sul-americano caiu 10,7%.

No geral, os europeus importaram principalmente cereais, frutas, óleo de oliva e carne de frango.

### **Países árabes importaron en 2018 el mayor volumen de los últimos once años**

14/01/19 - por Equipe BeefPoint Os países árabes importaram em 2018 o maior volume de carne bovina do Brasil dos últimos 11 anos. No total foram 341,66 mil toneladas que chegaram a 15 dos 22 países que compõem o bloco. O volume compõe 20,8% do recorde mundial de exportações alcançado pelo Brasil em 2018, reportado pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec).

“Em 2018, dos 22 países árabes, o Brasil esteve presente em Argélia, Bahrein, Ilhas Comores, Egito, Iraque, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Omã, Palestina, Catar, Arábia Saudita, Tunísia e Emirados Árabes”, disse a diretora-executiva da Abiec, Liège Vergili Nogueira, em entrevista à ANBA. Para ela, entre os fatores que influenciaram o bom desempenho de 2018 estão o câmbio e a participação de países como o Egito. “As compras do Egito tinham ficado um pouco inferiores em anos anteriores e o país é um grande player”, avaliou Nogueira.

A receita gerada pelo comércio com os países árabes no último ano também foi destaque: US\$ 1,13 bilhão, a maior dos últimos 6 anos. A diretora explica que esse resultado vem sendo construído ao longo de pelo menos 15 anos. “Os países árabes representam uma consolidação que desde 2004 ocupa grande importância na balança comercial brasileira, em especial da carne bovina. O Brasil tem exportado desde 2004 uma média anual de 276 mil toneladas”, afirmou Nogueira.

Entre os dez principais compradores da carne do Brasil estão três países árabes, que representaram 77,3% do total embarcado. O destaque é o Egito, maior importador da carne brasileira no bloco. O volume recebido pelo país foi de 180.812 toneladas e o faturamento, superior a US\$ 526 milhões. Além do mercado egípcio, que ocupou o 3º lugar na balança brasileira, a Arábia Saudita foi sexto maior importador, registrando crescimento de 0,8%, com 42.548 toneladas. Os Emirados Árabes Unidos, na sétima posição, registraram aumento de 65%, totalizando 36.821 toneladas importadas no ano. “Analisando o histórico das exportações brasileiras para esses três países, de 2017 a 2018, é notável o crescimento no volume embarcado no último ano”, destaca a diretora da Abiec.

Para 2019, a expectativa da associação é de um aumento de 10,7% nas exportações totais do setor, o que resultaria em 1,8 bilhão de toneladas embarcadas. A mesma taxa de crescimento é esperada nos embarques ao mercado árabe. “Seja pelo aumento de importação dos países que já temos participação ou pela abertura de novos mercados”, afirmou Nogueira. A Abiec tem expectativa de aumento na



participação na Arábia Saudita. Outro país que, embora não seja árabe, também importa carne halal e está nos planos de abertura de mercado da associação para este ano é a Turquia.

Questionada sobre os próximos passos da associação para alcançar as metas, a diretora reafirma a estratégia de promover a carne bovina brasileira com a marca Brazilian Beef em todo mundo. “Desse modo, o aumento de exportação está atrelado às promoções comerciais, técnicas e políticas que a associação, o governo e as empresas brasileiras realizam constantemente”, concluiu ela.

Fonte: Agência de Notícias Brasil-Árabe.

### **Aprueban protocolo para habilitar vacunos que no se destinen a la Cuota Hilton**

15/01/19 - por Equipe BeefPoint O secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Jorge Caetano Junior, homologou o protocolo da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) para a certificação de bovinos e bubalinos fora da chamada Cota Hilton de animais a serem exportados à União Europeia (UE). A decisão, publicada nesta segunda-feira, 14, no Diário Oficial da União (DOU), desobriga o pecuarista que não quiser exportar à UE a seguir uma série de normas rígidas e deve reduzir e três vezes o custo de certificação, segundo a CNA.

De acordo com André Sanches, secretário-executivo do Instituto CNA, o protocolo da entidade foi feito após a publicação da Instrução Normativa (IN) 53, de outubro de 2018, que estabelecia que todos os animais de Estabelecimento Rural Aprovado no Sisbov (ERAS) tinham de ser 100% certificados por exigência da UE.

Pela IN 53, animais que entrassem em propriedades ERAS e não fossem de outras propriedades com igual status sanitário precisariam ser novamente identificados, mesmo que já fossem rastreados. E, mesmo assim, não poderiam ser exportados à UE.

“Com o protocolo proposto e aceito, todas as garantias necessárias de rastreabilidade são dadas para esses animais sem obrigar o produtor a exportar para a União Europeia, mas abre a possibilidade de a carne ser exportada para outros mercados, como Irã, Arábia Saudita e China”, disse Sanches. “O custo é três vezes menor que o previsto para os animais da Cota Hilton”, completou o representante da CNA.

Cálculo da entidade estima que o custo por animal rastreado pelo protocolo proposto e aprovado pelo governo é de R\$ 900 por ano. Isso inclui, entre outras obrigações, uma vistoria anual, além das taxa de certificação e um controle simplificado de trânsito. Para os animais de propriedades ERAS o custo estimado é de R\$ 2,7 mil por ano, que inclui taxas mais caras, vistorias semestrais e rígido controle de trânsito.

### **Proyectan mayor “autocontrol “ en frigoríficos pero mantendrían inspección veterinaria oficial por exigencias internacionales**

16/01/19 - por Equipe BeefPoint Ciente do risco de perda de importantes mercados para as exportações de carne do Brasil, o Ministério da Agricultura, agora sob o comando de Tereza Cristina, prepara um projeto de lei para ampliar o alcance do “autocontrole” na inspeção de frigoríficos, uma antiga demanda das indústrias. No entanto, a presença diária dos auditores fiscais federais agropecuários nas linhas de abate não será dispensada.

Tratado como prioridade “zero” pela nova gestão do ministério, a ideia é estender o autocontrole não só para a inspeção de carnes e de produtos como lácteos, mel, ovos e pescado, mas principalmente para bebidas e insumos agropecuários como fertilizantes, rações e sementes.

Caso implantado o novo modelo, os fiscais poderão reduzir as auditorias anuais — uma ao invés de duas, por exemplo — em agroindústrias que cumprem à risca os padrões de qualidade exigidos e tirar o peso do sistema de fiscalização, que sofre com a crônica falta de pessoal, sobretudo em abatedouros. Na visão do Ministério da Agricultura, a medida também permitiria aumentar a frequência de inspeção sobre os estabelecimentos com problemas sanitários.

A carência de fiscais alimenta críticas frequentes de importadores como os europeus, cujas exigências aumentaram após a Carne Fraca, operação policial que revelou em 2017 um esquema de corrupção entre os fiscais do ministério e funcionários de frigoríficos.

Incumbido da difícil tarefa de ampliar o autocontrole, missão tentada – e não cumprida – pelos ex-ministros Kátia Abreu e Blairo Maggi, o novo secretário de Defesa Agropecuária (SDA) do Ministério da Agricultura, o fiscal de carreira e engenheiro agrônomo José Guilherme Tollstadius Leal, diz que a ideia é encaminhar a proposta ao Legislativo ainda no primeiro semestre. Pela frente, contudo, o secretário terá pela frente um Congresso em grande parte renovado e uma bancada ruralista que encolheu à metade nas últimas eleições.

“Autocontrole não é substituir o trabalho do fiscal e nem é só para inspeção animal. O papel do Estado vai continuar, mas as empresas terão mais responsabilidades”, afirma Leal em entrevista ao Valor. O secretário sustenta que, no caso dos frigoríficos, o auditor hoje perde tempo verificando obrigações como a temperatura da carne.



O secretário evita falar em “terceirização”, tema caro ao sindicato dos fiscais, mas ressalta que o Tribunal de Contas da União (TCU) já vem alertando que o ministério precisa dar soluções ao problema crônico da falta de fiscais em 2019, ano em que vão expirar os 300 contratos de fiscais temporários chamados no ano passado. Além disso, mais fiscais devem se aposentar.

Diante desse cenário, o Ministério da Agricultura pretende exigir das empresas informações prévias que dispensam fiscalização frequente, seja diária ou semestral, por exemplo. E otimizar a força do trabalho de auditoria.

Bandeira antiga principalmente dos frigoríficos, o autocontrole, porém, não evita por completo casos de fraude nos controles de produção. O caso da BRF, maior exportadora de carne de frango do mundo, comprova a dificuldade. No âmbito da Operação Trapaça, a dona das marcas Sadia e Perdigão é investigada por fraudar testes de laboratórios para a bactéria salmonela em lotes de carne de frango destinados, principalmente, à União Europeia. Em reação, o bloco proibiu a companhia de exportar.

Ao Valor, o novo secretário, que antes de assumir a função foi chefe de gabinete da SDA e secretário de Agricultura do Distrito Federal, admite que sistema nenhum está isento de “problemas de conduta”. No entanto, ele avalia que o caso da BRF não pode ser impeditivo para avanços no aprimoramento do sistema de inspeção nacional.

Na indústria, o autocontrole também é defendido, inclusive para o abate. “O autocontrole, em tese, é uma coisa muito boa, até para o abate. O ministério não tem gente para fiscalizar tudo. Mas caso alguém [empresas] faça algo errado, tem que ter um mecanismo para evitar problemas”, afirmou Péricles Salazar, presidente da Abrafrigo, entidade que representa frigoríficos de pequeno e médio porte.

Ex-ministra da Agricultura, a senadora Kátia Abreu (PDT-TO) lembra que em sua gestão implantou a inspeção periódica em todas as indústrias de produtos de origem animal, com exceção dos frigoríficos, que exigem inspeção permanente. “No caso das carnes, é preciso revisar todos acordos internacionais ou poderão suspender exportações. Para mudar leva tempo e negociações infundáveis”, disse.

### **Revisan exigencias para ocupar cargos**

17/01/19 - por Equipe BeefPoint O Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais Federais Agropecuários (Anffa Sindical) protocolou ofício pedindo que a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, reveja a decisão de que a escolha dos cargos que devem ser preenchidos exclusivamente por servidores de carreira seja de sua responsabilidade. A decisão foi validada por meio de decreto publicado em 2 de janeiro.

Pela regra anterior, somente servidores de carreira do Ministério poderiam ocupar exercer as funções de secretários da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) e de superintendentes federais.

O Sindicato considera necessária a exigência de critérios meritocráticos na escolha dos cargos em comissão e acredita que a medida, em vigor desde maio de 2007, reduziu a “ingerência política na indicação para cargos eminentemente técnicos”.

“Vários superintendentes foram trocados depois da regra, como no caso de Tocantins e do Paraná, e houve uma melhora significativa tanto do ponto de vista gerencial, como ético”, afirmou o presidente do Anffa Sindical, Maurício Porto.

De acordo com o Sindicato, mesmo com a obrigatoriedade desses critérios, a ministra continua com a prerrogativa de escolha dos funcionários de cargos de assessoramento e de estabelecer um processo seletivo para a escolha dos cargos de livre provimento.

“As experiências têm mostrado o papel danoso que as interferências políticas causam para as entidades e empresas públicas. E defendemos que não basta ser servidor de carreira. É preciso isolar de ingerência política da função”, complementa Porto.

### **Foro Davos: estudio analiza el futuro de la producción y demanda de carne**

16/01/19 - por Equipe BeefPoint Estudo da Oxford Martin School, a pedido do Fórum Econômico de Davos, aponta que a produção de carne está no limite da demanda, e a diminuição do consumo salvaria vidas: 2,4% das mortes provocadas por alimentação no mundo poderiam ser evitadas caso houvesse uma redução no consumo de carne, sobretudo de origem bovina. Deixar de comer carne poderia salvar milhões de vidas e reduzir significativamente as emissões de dióxido de carbono.

Nos países ricos, nos quais o consumo de carne bovina é mais elevado, o percentual de vidas que se salvaria seria de 5%, destacou o Fórum Econômico Mundial, que reúne anualmente, em janeiro, as elites econômicas e políticas mundiais no leste da Suíça. Segundo o estudo, a demanda por carne continuará aumentando durante as próximas décadas, já que a população mundial pode chegar a 10 bilhões de pessoas antes de 2050.

O Jornal da USP No Ar conversou com o professor Sergio De Zen, do Departamento de Economia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, em Piracicaba, e pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Em sua análise, De Zen pontua que países da América do Sul e da África vão na contramão desse estudo, que foca nos países da Europa e nos EUA e Canadá:



“Esses produtores estão muito longe do seu limite de produtividade que poderia estar englobado neste estudo. Eles não se aprofundaram nessas regiões e, por isso, chegaram a essa conclusão que — no meu ponto de vista — não é a mais correta. O Brasil tem uma capacidade de aumento de produtividade muito grande. E isso ocorre de um processo de adoção de tecnologia e de gestão, que nesses países são muito mais complexos do que nos países de clima temperado”.

Uma das discussões no cenário nacional é sobre o meio ambiente e seu uso para a produção de gado, questionando se isto é correto ou não. O professor pondera, afirmando que há estudos feitos com bancos de dados no Brasil e que é comparado com outros países do mundo, que permitem com que o agronegócio assuma uma postura de liberar terras para outras atividades ao invés de demandar para sua produção.

“É errado dizer hoje que a pecuária é o principal vetor do desmatamento. A pecuária já não é, porque houve um aumento de produtividade tão grande do fator terra que fez isso.” De Zen ainda afirma que existem interesses comerciais na discussão de produção e do consumo de carne, mas há regiões em que a sua presença é indispensável.

No quesito da qualidade da carne bovina, o especialista aponta que naturalmente, com o aumento da produtividade, cresce também a melhora no caráter do produto. Contudo, há também as carnes de baixa qualidade. E o Brasil, segundo ele, tem potencial para atender uma forte demanda de carne, oferecendo, por exemplo, para a China.

### **Bolsonaro pede “concluir rapidamente” las negociaciones del Mercosur con UE**

17/01/2019 - El Presidente de Brasil señaló que el Mercosur necesita valorar su “tradición original”, basada en la apertura comercial, la reducción de las barreras y la eliminación de la burocracia.

Brasilia, EFE |El presidente de Brasil, Jair Bolsonaro, propuso ayer a su homólogo argentino, Mauricio Macri, perfeccionar el Mercosur y concluir “rápidamente” las negociaciones del bloque con la Unión Europea (UE).

“Necesitamos concluir rápidamente las negociaciones más promisorias e iniciar otras negociaciones”, afirmó el presidente brasileño tras reunirse con Macri, en referencia a las negociaciones que el Mercosur (Argentina, Brasil, Uruguay y Paraguay) mantiene con la UE desde hace dos décadas.

Bolsonaro señaló que el Mercosur necesita valorar su “tradición original”, basada en la apertura comercial, la reducción de las barreras y la eliminación de la burocracia.

En ese sentido, el mandatario, de 63 años, apostó por un Mercosur “reducido que continúe teniendo sentido y relevancia”.

Bolsonaro, quien llegó al poder el pasado 1 de enero, subrayó su deseo de “fortalecer” los lazos con Argentina, uno de los principales socios económicos del país, y expresó su convicción de que las relaciones entre ambos países continuarán por el camino adecuado.

El capitán de la reserva del Ejército destacó el “esfuerzo” de Macri para enderezar la maltrecha economía argentina y subrayó las reformas llevadas a cabo tanto por Brasil como por Argentina.

“Las reformas económicas que Brasil y Argentina están llevando adelante son fundamentales para revitalizar el intercambio entre ambos países”, dijo Bolsonaro, tras firmar un acuerdo para acelerar las extradiciones entre ambos países.

Bolsonaro subrayó la relación “franca”, sin “perfil ideológico” y sin “tabúes” entre ambos mandatarios, quien se reunieron por primera vez desde que el ultraderechista venció las elecciones de octubre con un 55 % de los votos.

### **Carne Fraca: abren investigación contra políticos involucrados**

17/01/19 - por Equipe BeefPoint A ministra Cármen Lúcia, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou a abertura de 19 inquéritos contra políticos com foro privilegiado com base em uma delação premiada de um investigado pela operação Carne Fraca, confirmaram nesta quarta-feira (16) à agência Reuters duas fontes com conhecimento do caso.

Os nomes dos investigados estão sob sigilo porque as apurações vão correr sob segredo de Justiça. Os inquéritos foram formalmente abertos nesta quarta-feira.

Em julho do ano passado, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, havia encaminhado ao STF pedido para abertura de 19 inquéritos com base na delação fechada pelo ex-superintendente do Ministério da Agricultura no Paraná Daniel Gonçalves Filho, disse uma das fontes.

A análise dos pedidos foi inicialmente encaminhada ao ministro Dias Toffoli, que, ao assumir a presidência do STF em setembro, repassou-os para Cármen Lúcia.

A operação Carne Fraca foi deflagrada inicialmente pela PF em março do ano passado, e jogou o setor de proteína animal do Brasil em uma grave crise de credibilidade com denúncias de irregularidades na fiscalização de frigoríficos, levando muitos países a suspenderem temporariamente as compras dos produtos nacionais.

Gonçalves Filho, agora delator, foi um dos presos na primeira etapa da operação.





## **Embrapa investigará la maduración en seco**

portal DBO 01/17/2019 Em parceria com a Fea e a Unicamp, pesquisadores da Embrapa irão avaliar características sensoriais dessa carne

Acompanhando o que existe de novo no cenário externo e interno, pesquisadores da Embrapa Pecuária Sudeste estão iniciando estudos com a carne maturada a seco, também conhecida como “dry aged beef”. Em parceria com a Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o centro de pesquisa vai avaliar características sensoriais, como maciez, sabor e aroma dessa carne.

De acordo com a pesquisadora Renata Tieko Nassu, o processo de maturação a seco ainda é recente no Brasil. Não existem protocolos de segurança e qualidade, nem legislação específica para regulamentá-lo. Além disso, há muitas dúvidas sobre os parâmetros do processo de maturação e seus efeitos no produto final.

Para otimizar as pesquisas sobre o tema, a Embrapa Pecuária Sudeste e a Unicamp estão unindo esforços em busca de um entendimento mais aprofundado. O professor Sérgio Bertelli Pflanzler Júnior, da Faculdade de Engenharia de Alimentos, está avaliando diferentes sistemas de maturação, entre eles o de maturação a seco, estudando parâmetros como congelamento, temperatura, umidade relativa e tempo de estocagem, dentre outros, visando desenvolver protocolos de maturação específicos a serem utilizados pela indústria frigorífica nacional. A partir dos parâmetros estabelecidos, na Embrapa Pecuária Sudeste serão avaliados os aspectos sensoriais e percepção do consumidor em relação à carne maturada a seco. Segundo Renata, a ideia é medir os compostos voláteis e metabólitos formados durante o processo de maturação, responsáveis pelo sabor e aroma, e, assim, conhecer o efeito dos diferentes parâmetros de processo nas características sensoriais desse produto. Além dessas análises, estão previstos testes de preferência e percepção do consumidor sobre a carne dry aged ainda no primeiro semestre deste ano.

Os resultados vão contribuir para incrementar os conhecimentos sobre a maturação a seco e seus efeitos na qualidade da carne, bem como a percepção do consumidor, já que as pesquisas realizadas têm apresentado resultados variados quanto aos aspectos sensoriais desse produto.

Carne maturada a seco

A maturação é utilizada para melhorar as características sensoriais da carne. Nesse processo, ocorre a ação de enzimas musculares endógenas, presentes no músculo e que contribuem para transformações na textura, principalmente. Pode ser úmida (wet aging) ou realizada a seco (dry aging). A mais usada é a úmida, com o produto embalado a vácuo e refrigerado. No método a seco, tradicionalmente a carne é refrigerada sem embalagem, exposta às condições controladas de temperatura, umidade e tempo.

Comparando-se os dois processos, a carne maturada a seco perde cerca de 20% do seu volume, tem alto custo de produção e, após a maturação, existe a necessidade de remoção das superfícies ressecadas (aparas). No entanto, pela maciez e sabor diferenciado, está associada a nichos de mercado mais exigentes e dispostos a pagar altos preços pelo produto.

## **URUGUAY**

### **Novillos muestran el menor nivel en los últimos 40 años**

#### **Mercado ganadero está firme y lluvias dificultan las cargas**

14/01/2019 - Frigoríficos pasan precios dispares pero se muestran con avidez de animales para completar las faenas.

El mercado del ganado gordo comienza a mostrar señales de estabilización, con valores firmes, un leve crecimiento de la oferta y distorsión en las cargas debido a las lluvias.

El presidente de la Asociación Consignatarios de Ganado (ACG), José Aicardi dijo a El País que el mercado “está un poco raro” porque las lluvias “obligaron a correr algunas cargas de haciendas que estaban previstas” y en otros casos, “hay ganado vendido que no se puede levantar de los campos desde hace una semana como consecuencia de las persistentes lluvias en todo el país”.

Aicardi dijo que hubo “una suba bastante abrupta” y agregó que comenzó a verse algo más de oferta, ya que muchos productores están volviendo a las empresas luego de algunos días de vacaciones.

“No es tan grande el incremento de la oferta, pero se ve algo más de ganado respecto a semanas anteriores”, aclaró el titular de la ACG.

El consignatario destacó en todo momento la firmeza del mercado y a modo de referencia informó que los novillos de punta, aquellos con terminaciones excelentes, se pagaron a entre US\$ 3,32 y US\$ 3,33 por kilo. Fueron negocios puntuales. A su vez, los novillos pesados y con buenas terminaciones, valen entre US\$ 3,25 y US\$ 3,30 por kilo. Las mejores vacas, si pueden ser cargadas en lo inmediato, hacen entre US\$ 3,14 y US\$ 3,15 por kilo. En el caso de las vacas buenas y de a camión, se pagan a razón de US\$ 3,10 por kilo.



Aicardi, que también integra la empresa MegaAgro, manejó como referencia US\$ 3,20 por kilo como precio para las vaquillonas especiales.

Reposición. Lo que falta es ganado de reposición y según el titular de la Asociación Consignatarios de Ganado, esta categoría “está muy pedida”. Explicó que “muchos productores están buscando irse armando de la reposición para vender el ganado gordo que ya tienen pronto”, pero no consiguen animales.

Otra de las características del mercado de haciendas es que no está parejo en cuanto a los valores que pasan los distintos frigoríficos.

“Algunos ya venían con faenas y cargas mejor organizadas desde fines de 2018. Otras plantas, a lo que hay distorsión de las cargas por las lluvias, se pusieron un poco más nerviosas y están más compradoras”, explicó el entrevistado.

Mirando un poco más a largo plazo, Aicardi dijo ver un mercado firme incluso consideró que le pueden caer algunos centavos más a los precios, por más que hoy ya cuenta “con buenos valores”. Que se siga tonificando el valor del ganado gordo, según su visión, dependerá de varios factores.

Que no crezca la oferta, que se sigan complicando las cargas y que se acentúe la falta de reposición, que está impidiendo que muchos de los productores saquen al mercado el ganado gordo que ya tienen pronto para enviar a los frigoríficos para ser faenados.

### **La escasez de novillos erosiona los márgenes industriales**

16 de enero de 2019 Por Eduardo Blasina Aunque diciembre fue un mes positivo en términos de precio de venta y recuperación de los márgenes de la industria respecto a los dos meses precedentes, la caída en la oferta de novillos empieza a notarse en los indicadores de margen industrial.

Luego de un primer trimestre en el que los márgenes se mantuvieron similares a los del año anterior, pero en una situación de sequía que en otros tiempos hubiera levantado los márgenes de la industria al facilitarle captar ganado a precios más bajos, en 2018 apenas le permitió mantener los márgenes del año anterior que luego cayeron persistentemente hasta mínimos en octubre. En los dos últimos dos meses del año los márgenes de la industria mejoran pero manteniéndose lejos de las referencias de 2019.

La escasez de novillos pareciera haber obligado a la industria a renunciar a márgenes pagando más por la hacienda, una situación de más competencia que en años anteriores que debería mantenerse en 2019.

En cuanto al precio que se logra captar por los novillos, parece mantenerse razonablemente estable en términos anuales pero tuvo un comportamiento que parece reflejar los avatares monetarios de los países vecinos con una fuerte caída en el último trimestre que posiblemente se relacione con la depreciación de la moneda argentina y brasileña, que luego se corrige parcialmente al recuperarse el real.

La baja oferta parece darle certezas a los productores en cuanto a una mayor competencia industrial de la que ha habido en años anteriores. Lo que se produce se vende y ese no es un dato menor. Para la industria vienen por lo menos dos años complicados que tal vez pueden atenuarse parcialmente en un plazo más largo a partir de una esperable buena parición en 2020, pero que recién empezará a notarse en la oferta sobre 2023.

### **¿Qué impacto puede tener el Brexit para la carne uruguaya?**

17 de enero de 2019

La Unión Europea se acerca a perder uno de sus principales socios, Reino Unido. En 2018, el cuarto principal destino de la carne uruguaya dentro del bloque europeo.

El año pasado se enviaron a ese destino 4.690 toneladas peso canal por US\$ 27 millones. De ese total, 1.577 toneladas fueron de carne vacuna refrigerada y 3.113 toneladas de carne enfriada.

En 2018 el volumen enviado a ese destino mostró una suba interanual de 46% respecto a las 3.218 exportadas por Uruguay en 2017. Y fue el más alto de los últimos tres años.

Para Uruguay, al no existir un acuerdo MERCOSUR-UE, las negociaciones comerciales por el retiro del Reino Unido de la UE se llevan a cabo en la OMC en Ginebra. En principio -de finalmente concretarse el Brexit- se transferiría el tratamiento comercial existente con la UE a la nueva relación comercial con el Reino Unido, salvo el capítulo agrícola que es motivo de negociaciones específicas, explicó a Ganadería una alta fuente diplomática.

“En éstas, el Reino Unido en coordinación con la UE pretende fijar cuotas para la importación de carne bovina, ovina, etc. en función de la utilización que hizo de las actuales cuotas europeas en los tres años anteriores al referéndum del Brexit. Ese enfoque no es aceptable para Uruguay y los otros países que exportan productos agrícolas bajo cuotas al mercado europeo. Lo correcto es renegociar al amparo del art. 28 del GATT 1994”, explicó.

La fuente señaló que por entender que lo propuesto por el Reino Unido no está de acuerdo con lo establecido en el régimen jurídico de la OMC y perjudicaría entonces el acceso de Uruguay al mercado,



se lo ha rechazado formalmente y el Reino Unido ha aceptado negociar bajo dicho artículo. Lo mismo se ha dado con la UE. Por ahora sin mayores avances.

El lobby de los productores británicos tendría gran incidencia en la postura proteccionista que pretende trasladar el Reino Unido a la era post Brexit, apuntando a que cuando llegue ese momento –si finalmente se concreta- no se debe abrir indiscriminadamente el mercado del Reino Unido argumentando que se corre el riesgo de ingreso de productos alimentarios de baja calidad, utilizando el episodio de la carne fraca de Brasil para respaldar esas afirmaciones.

**El Brexit como oportunidad**

Algunas voces son optimistas respecto a las oportunidades que puede generar el Brexit para las economías de América Latina. Posiblemente podrá agilizar su comercio con otras regiones del mundo, firmando nuevos y más eficientes tratados de libre comercio, señalan.

“El Brexit ofrece una oportunidad imperdible para renovar los lazos comerciales entre Reino Unido y América Latina”, dijo a BBC Mundo en 2017 la economista uruguaya Gabriela Castro-Fontoura, directora de Sunny Sky Solutions, una firma consultora que se especializa en asesorar a empresas británicas buscando negocios en América Latina.

### **La ganadería al achique: caerían faena y exportación en pie en 2019**

Por Rafael Tardáguila. 16/01/2019 - La faena de vacunos y la exportación en pie podrían disminuir en este año 2019. La extracción no llegará a 2,5 millones. Foto: El País.

La ganadería uruguaya en 2018 tuvo un buen desempeño en los volúmenes de producción y los precios. Los segundos, seguramente se repitan en 2019, al menos en el caso del ganado gordo. Pero no sucederá lo mismo con la producción. Es un hecho que el sector cárnico nacional refleje, mediante una disminución de sus ventas, lo que ha sido la elevada extracción de años anteriores, tanto en la faena de animales terminados como en la exportación de terneros en pie.

En 2018 salieron del sistema ganadero 2,75 millones de vacunos por concepto de faena y exportación en pie. Teniendo en cuenta las existencias bovinas a mediados de ese año, la tasa de extracción fue del 24,3%, un 1,7% por encima de 2017. Es un máximo que se dio sin grandes desastres climáticos, sin olvidar la sequía del verano pasado; pero que tuvo mucho más que ver con una firme demanda que presionó al mercado, en el caso de la carne y de los animales en pie.

El nivel de extracción del año pasado se logró de la mano de un fuerte aumento de la faena de vientres. Una importante cantidad de machos se fueron hacia Turquía cuando eran terneros, por lo que se engordaron y faenaron en ese país. De hecho, la faena de novillos en 2018 descendió respecto a 2017. Los vientres fueron 50,4% de la faena y los novillos 47,4%.

Esta situación es insostenible. Sin mediar desastres climáticos, la actividad de la industria frigorífica disminuirá este año y, por lo tanto, también lo hará el ingreso de divisas por concepto de exportación de carne.

Sumado a eso, todo indica que habrá una contracción en la exportación de vacunos en pie. Previo a Navidad, Turquía comunicó que por un tiempo indeterminado no emitirá nuevos permisos para la compra de vacunos en pie, debido a un problema de sobre stock que está atentando contra el negocio de los corrales en ese país. Además, la devaluación de la lira turca a mediados de año, por más que luego logró cierta valorización, atentó contra el consumo de esta proteína animal.

¿Será cuestión que los exportadores encuentren alternativas al mercado turco? No son tan fáciles de conseguir, debido a que otros países de Medio Oriente -los principales importadores de vacunos- no tienen la preferencia de aquéllos por razas británicas o sus cruza, por lo que es más difícil competir con la oferta brasileña a precios más bajos. En el estado norteco de Pará, el principal exportador de vacunos en pie de Brasil, el ternero cotiza en un eje de US\$ 1,50 a US\$ 1,60 por kilo, unos 30-40 centavos por debajo de la referencia uruguaya.

Por tanto, la lógica es que en 2019 se esté frente a una baja en la cantidad de animales faenados y exportados en pie. De aquellas 2,75 millones de cabezas extraídas en 2018, es posible que se pase a menos de 2,5 millones.

En cuanto al mercado, la reposición debería tener características distintas al gordo. En los animales para el campo, dado que la causa de las menores ventas es por una disminución de la demanda, habría que esperar que los precios evolucionen de forma más moderada. Mientras que en los ganados para faena la situación es contraria: la contracción vendrá por una caída de la oferta, por esta razón habría que esperar un mercado firme y fluido con precios sostenidos.

Oteando el panorama del año en cuanto a la demanda internacional para la carne vacuna, la expectativa es que siga siendo firme, con argumentos tanto desde la demanda como también en la oferta.

China precisará volúmenes crecientes de proteína animal. A la tendencia de fuerte crecimiento de las importaciones de carne vacuna en los últimos años, se le suma el déficit en la producción doméstica de carne de cerdo, debido a la epidemia de fiebre porcina africana que está obligando a sacrificar millones de





animales. Pero tampoco hay que olvidar que están sintiendo el impacto de la guerra comercial con Estados Unidos.

El problema es la concentración de la demanda en China. Si tropieza, las alternativas no son tan claras. Por el lado de la oferta, es un hecho que Australia reducirá sus exportaciones este año y es muy difícil que Brasil sostenga la tasa de crecimiento de 2018.

### **El ministro Benech reivindicó los controles contra el abigeato**

16/01/2019 - Reiteró que hay organizaciones tras los robos.

“No es que el sistema no funcione, si no funcionara nunca se habría detectado la infracción, ni el que tenía 5.000 caravanas sin colocar, ni estas 300 vacas”, dijo el ministro de Ganadería Enzo Benech a El País en torno al episodio de robo de ganado por el que fueron formalizados 13 empresarios agropecuarios. “Con mucho esfuerzo se logró identificar las vacas, identificar la gente que hizo cosas que no debería hacer y llevarla a la Justicia”, agregó el funcionario.

La maniobra fue detectada en diciembre. La empresa damnificada entregó 300 vacas para pastoreo a un operador de las cercanías de Lascano que luego revendió el ganado a productores de Rocha. El instigador de la maniobra se quitó la vida. El abogado de la empresa denunciante, Paulo Prilliac, dijo a El País que “la empresa está muy contenta y no podían creer que en un mes se hubiese llegado a una solución, llegamos a acuerdos reparatorios con todos los involucrados menos con dos; esto podría haber llevado cuatro o cinco años”. De las 300 vacas robadas se recuperaron 270 y 200 terneros.

“Los sistemas funcionan y bien, pero si los usamos mal, darán malos resultados, y las denuncias son la mejor demostración de ello y el accionar judicial”, explicó Benech en rueda de prensa en alusión al abigeato detectado en Rocha. “Si no funcionaran, los productores de Rocha involucrados no estaban formalizados”.

“Los sistemas funcionan y bien, pero si los usamos mal, darán malos resultados”, explicó. “Yo lo anuncié (la existencia del abigeato como fenómeno extendido) y los resultados están sobre la mesa, a pesar de que algunos dicen que yo hablo de cosas obvias y que soy oportunista. Que digan lo que digan. Acá hay sistemas que funcionan y Justicia que funciona. Cuando tenga datos, voy a hacer la denuncia penal como la hice otras veces. Quien no esté haciendo las cosas bien, por favor, que empiece a hacerlas”, expresó el ministro.

Consultado sobre la relevancia que pueda tener o no que se involucre a empresarios con nombres reconocidos, Benech dijo que no la tiene. “Desde mi punto de vista, robar es lo mismo un poquito que mucho”, agregó. “Aquí no hay un tema de sectores políticos ni de gremiales”, opinó.

El jerarca insistió en que no se trata de gente que roba para comer, sino que se encontraron organizaciones criminales y personas. “Creo que hay más, por eso se debe seguir trabajando (...) Debemos asumirlo como un problema que tenemos en la sociedad”, finalizó.

### **Uruguay realizó un 143% más de importaciones de carne vacuna en 2018**

16/01/2019 Fueron 14.158 toneladas, con Brasil como mayor proveedor.

Las importaciones uruguayas de carne vacuna fueron de 14.158 toneladas peso embarque en 2018, lo que representa un aumento del 143% comparado con el año pasado, aseguró a Rurales El País Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados.

El incremento de las importaciones se debe a una diferencia de valores de las haciendas gordas que se profundizó tras las devaluaciones de las monedas de Argentina y Brasil, dijo Tardáguila. Además, explicó que, en algunos casos, la brecha de precios fue de hasta US\$ 1 por kilo carcasa.

Brasil se ubicó como el principal proveedor con 13.358 toneladas, un 94% del total. Seguido por Paraguay, que en 2018 no tuvo precios tan bajos para la hacienda, con 2.000 toneladas; y Argentina, después de varios años sin ventas, con menos de 90 toneladas.

En cuanto al valor medio CIF, fue de US\$ 3.819 por tonelada en 2018, unos US\$ 200 por tonelada menos que los US\$ 4.012 de 2017.

## **PARAGUAY**

### **Disminución que registra faena de vacas es positiva, afirman**

15 de enero de 2019 La disminución de faena de bovinos en frigoríficos en el año 2018 tiene su aspecto positivo, porque hubo una sustancial disminución en la faena de vacas, lo que redundará en que se tendrá más vientres con capacidad de procreo, afirmó el presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill.

De acuerdo a datos del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), en el 2016 se faenaron 2.003.369 cabezas; en el 2017, 2.066.100, y en el 2018, 1.896.750. Las vacas faenadas en el 2016 fueron 825.064 cabezas; en el 2017, 884.272, y en el 2018, 751.475.



Pettengill dijo que el porcentaje de hembras faenadas bajó del 44% al 39%. “Quiere decir que este año estaríamos teniendo más nacimientos de terneros, lo que repercutiría en una faena mayor en el 2020. Ese año volveríamos a 2 millones de cabezas. Inclusive, dependiendo del nacimiento, llegaríamos a superar si es que no hay sequía o inundaciones, porque siempre dependemos del factor exógeno”, explicó.

Manifestó igualmente que si bien la faena de bovinos disminuyó casi un 10%, la exportación en kilos disminuyó en menos del 3%. Según datos del Senacsa, en el 2016 se exportaron 240.384 toneladas de carne bovina; en el 2017, 258.204 toneladas, y en el 2018, 257.414 toneladas.

“Quiere decir que estamos faenando animales más pesados, y si faenamos animales más pesados significa que tenemos una ganadería más eficiente, porque con las mismas cabezas se extrajeron más kilos, se exportan más kilos”, expresó.

De acuerdo a los datos de exportación a diciembre de 2018 divulgados por el Senacsa, los envíos de carne bovina generaron para nuestro país el ingreso de US\$ 1.087.161.262.

Carnes porcina y aviar

Otros datos de Senacsa consignan que hasta fines de diciembre de 2018 se exportaron 3.010 toneladas de carne porcina, lo que generó un ingreso al país de US\$ 8.983.096.

La exportación de este rubro dio un gran salto el año pasado, pues en el 2016 se exportaron 1.339 toneladas, en el 2017, 1.145 toneladas, y en el 2018, 3.010 toneladas.

La exportación de carne aviar también tuvo un mejor comportamiento el año pasado en cuanto a volumen y generación de divisas.

En el 2016 se exportaron 907 toneladas; en el 2017, 1.458 toneladas, y en el 2018, 2.976 toneladas, con unos ingresos de US\$ 4.471.515 en el último año.

### **Exportaciones de carne vacuna de Paraguay cayeron 3% en 2018**

17 de enero de 2019 En 2018 Paraguay exportó 3% menos carne de vacuno que en 2017, con 257.414 toneladas peso embarque frente a 258.204 del año anterior, de acuerdo a los datos publicados por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

En valor, representaron US\$ 1.087 millones, levemente por debajo de los US\$ 1.102 millones del año anterior.

Los datos totales de exportación de productos y subproductos de origen animal mostraron una caída más marcada en volumen, de 8%, con 474.172 toneladas en el acumulado de 2018, por debajo de los 517.137 toneladas en 2017.

En facturación el ajuste fue menor. En 2018 representaron US\$ 1.385 millones, 3% abajo de los US\$ 1.429 millones del año anterior, de acuerdo a los datos del Senacsa.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **BREXIT**

#### ***Ganaderos irlandeses expresan preocupación ante la importancia del Mercado inglés***

15 January 2019 UK - IFA President Joe Healy will meet UK farm leaders in London this morning ahead of the crucial vote on Brexit in the House of Commons this evening.

"While the vote is a matter for the UK Parliament, farmers in Ireland and the UK are clear that a 'no deal' outcome would be catastrophic for farmers on the two islands and hugely damaging to the interests of consumers," he said.

Mr Healy said the Irish & UK food supply chains are deeply integrated.

He said, "We have grave concerns regarding the dangers of a 'no deal' outcome that would cause massive disruption to the normal trade flows between the two countries, on which farmers greatly depend for their livelihoods.

"I know our colleagues are bringing the maximum pressure to bear on the political system to work for a solution that maintains frictionless trade.

"Irish farming has just as much to lose as farmers in the UK if we find ourselves in a 'no-deal' scenario. Given the scale of what we export to the UK market – 37 percent of our food products – it would be a seismic shock to our system if we don't have full access between EU and the UK, while maintaining the value of the UK food market.

"It's often overlooked that we import €4bn of agri-food products from the UK.

"I believe EU and UK farm leaders have a shared interest in ensuring that the UK, which is an important market for all European farmers, does not pursue policies which will further drive down food prices. Importing food and food ingredients from countries with lower production costs and lower standards will undermine the value of the UK food market for EU and UK farmers.



"We must send a strong message that a cheap food policy is a race to the bottom which will ultimately lead to the destruction of EU and UK farming and lower quality food for the consumer."

### ***Urgen a que haya acuerdo***

16 January 2019 IRELAND - Speaking after a meeting with UK farm leaders in London ahead of the crucial vote on Brexit in the House of Commons, IFA President Joe Healy said the clear view of farm leaders was that a 'no deal' Brexit would be a disaster for farmers in Ireland & the UK and must be avoided.

Mr Healy said it was time to look to what should happen after last night's vote, which is expected to result in a defeat for the Prime Minister Theresa May.

"The prospect of a crash out Brexit is a serious threat, which would be catastrophic for farmers on the two islands and hugely damaging to the interests of consumers. Dicing with a cliff-edge Brexit is madness for everybody," he warned.

Mr Healy said he would be travelling to Brussels tomorrow for a meeting with EU Commissioner for Agriculture Phil Hogan, at which he would be looking for firm commitments of Commission support for Irish farmers, who would feel the full force of a 'no deal' scenario.

He said, "It's time for EU solidarity to be converted into tangible support. Some of our sectors – beef, dairy, mushrooms – will be very badly exposed & will require significant financial assistance."

Mr Healy said the Irish & UK food supply chains are deeply integrated.

"We have grave concerns regarding the dangers of a 'no deal' outcome that would cause massive disruption to the normal trade flows between the two countries, on which farmers greatly depend for their livelihoods," he concluded.

### ***National Farmers Union propone bases para un posible acuerdo***

16 January 2019 UK - An extraordinary meeting of the NFU's Council has agreed six principles that will guide the NFU in its aim to deliver the best outcome from Brexit for British farmers.

Held at Central Hall in Westminster on 10 December, the six principles agreed were:

Avoiding a 'no deal' outcome and any short-term political and economic turmoil

Ensuring as free trade in agri-food goods as possible with our principal EU market

Gaining greater regulatory control and discretion over UK farm practice

Maintaining access to the seasonal and permanent workforce required by the UK food chain

Ensuring our international trade respects domestic production standards

Implementing a new agricultural policy framework that supports farmers as food producers, improves productivity and resilience and properly rewards the delivery of public goods.

Commenting on these principles, NFU President Minette Batters said: "The NFU is deeply frustrated and disappointed that nearly two and half years after the referendum we are no closer to finding out the details of our future relationship with the EU and what trading environment we could be operating under in the future.

"We are due to leave the EU in 16 weeks' time. It is absolutely unacceptable for agriculture to be left with this level of uncertainty. We have repeatedly said that a no deal scenario would be catastrophic for farming, but political events today have created further doubt and uncertainty. I cannot emphasise enough the importance of getting this right for farming.

"The NFU has been clear today about what it believes are the crucial elements of a healthy and productive post-Brexit future for British farming. We will be using these principles to assess which, of any, future options on the table are most, and least, likely to ensure farmers can continue to serve the country, producing food for the nation.

"We are hopeful that policy-makers on both sides of the channel will come to workable solution as a matter of urgency.

'Meanwhile, we will continue to monitor the progress of the Agriculture Bill through Parliament, so that farmers, growers and the public can be assured that despite the uncertainty of Brexit, the UK government will establish a framework that supports farmers as food producers and custodians of the countryside.

"It is crucial that the Government ensures our high standards of food safety and production are not undermined by lower standard imports from elsewhere in the world.

"These are extraordinary times and the NFU is committed to remaining on the front foot during an ever-changing political climate. As an organisation we have always been committed to representing our members and the principles agreed here today, with the backing of NFU Council, reflect that."

### ***Europa se prepara para BREXIT caótico***

By Angela Charlton | AP January 17 PARIS — One by one, European Union nations are spending millions, hiring thousands of workers and issuing emergency decrees to cope with the increasingly likely possibility that Britain will leave the bloc on March 29 without a plan.



A no-deal Brexit could shake up the rest of the continent in ways that many Europeans haven't yet fathomed, from snarled air traffic to paralyzed ports and millions of workers in legal limbo.

France is spending 50 million euros (\$57 million) to beef up security at airports and the Eurotunnel, and hiring hundreds of extra customs officers.

Portugal is opening special airport lanes for British travelers, the nation's main source of tourists. The Netherlands is scouring for qualified veterinarians to carry out new checks on live imports. Germany is fast-tracking a debate on solving bureaucratic problems if there is no Brexit deal.

Governments from Europe's Atlantic Coast to the Black Sea are preparing rules for British citizens to live and work in their countries once they no longer enjoy EU residency rights — and hoping that Britain is doing the same for their citizens.

Britain, which would face by far the biggest disruption, has devoted thousands of civil servants and several billion pounds (dollars) on measures to mitigate the worst effect — although officials can only speculate about what will actually happen on March 30 if Brexit happens without a deal.

After the British parliament overwhelmingly rejected British Prime Minister Theresa May's Brexit divorce deal this week, other governments are bracing for chaos, too.

"We strongly believe" Britain will leave with no exit deal, French Prime Minister Edouard Philippe announced Thursday, unveiling a raft of emergency measures to cope with that prospect. "Under these conditions, our responsibility ... is to ensure that our country is ready, that the interests of our citizens are preserved and defended."

The French government will build new infrastructure and hire new staff at airports and ports — and the tunnel beneath the English Channel. The company that operates the Eurotunnel says a quarter of all U.K.-EU trade passes through the tunnel, which could be a major chokepoint in a no-deal Brexit.

France's emergency decrees will temporarily let British companies transport goods in France, and allow certain British insurance and other financial activities to continue in France despite Britain's loss of access to the EU financial market. The exceptional transfer of military equipment between the two countries will also be allowed.

In Berlin, German lawmakers debated a bill Thursday that aims to solve bureaucratic issues arising from Brexit.

"We want to keep the damage — and there will certainly be damage from Britain's departure — as small as possible," German Chancellor Angela Merkel said Wednesday. "That's why we will of course do everything to find an orderly solution, but we are also prepared if there is no orderly solution."

Portuguese Prime Minister Antonio Costa said Thursday that 80 percent of British tourists arrive at airports in Faro, the Algarve and Funchal in the Madeira Islands, where dedicated lines for them will help prevent delays.

Dutch authorities say they are hoping for the best and preparing for the worst. The customs service is hiring some 900 new staff. The food and animal welfare authority is scouring southern and eastern Europe for qualified vets to carry out checks on live imports.

The government has set up an online Brexit counter and checklist for Dutch companies doing business with Britain — some 35,000 of which have no experience of dealing with countries outside the EU single market.

Romanian leaders have sought to reassure the estimated half a million Romanians living in Britain that they won't be left in the lurch — but haven't provided specifics. Romania currently holds the EU's rotating presidency.

The Czech Republic and Slovakia are working on legislation to deal with the short-term rights of British citizens in a no-deal Brexit, while the Dutch will let British citizens living in the country remain for 15 months and offer them the chance to apply for residency permits.

In Britain, the government announced Thursday it's putting military reservists on standby for permanent service in the event the country leaves without a divorce deal. It's also recruiting hundreds of extra customs officers and border staff and has passed laws to help cross-border trade continue to flow, such as permits for long-distance truckers. Many businesses are taking things into their own hands, and stockpiling goods.

Britain says EU citizens will be able to stay temporarily despite a no-deal Brexit.

A high-level EU official is now touring all the capitals of the 27 countries remaining in the bloc, to assess Brexit preparations and provide help where needed, EU Commission spokesman Margaritis Schinas said Thursday.

The EU has produced 88 notices how specific sectors should deal with possible Brexit emergencies.

"We're not taking any chances," said Schinas.

### **Buenos resultados para las exportaciones cárnicas irlandesas.**

14/01/2019 - De acuerdo a los datos del 2018 aportados por Bord Bia.





El valor total de las exportaciones agroalimentarias irlandesas en 2018 ha superado los 12.100 millones de euros, un 4% menos que en 2017, según los datos presentados por el ministro de Agricultura irlandés, Michale Creed, durante la presentación del informe Export Bead and Prospects 2018-2019.

La venta de carnes y productos lácteos suponen el 66% del total exportado por Irlanda y se mantuvieron estables en 2018. Tara McCarthy, consejera delegada de Bord Bia, señaló que el volumen total de exportaciones aumentó significativamente en muchas categorías este año, aunque esto fue contrarrestado por la volatilidad de los precios globales. Mientras que los productores irlandeses exportaron más en términos de volumen (+50,000 toneladas), el valor en euros registrado para esas exportaciones disminuyó.

El valor de las exportaciones de carne y ganado de Irlanda en 2018 fue de poco menos de 4.000 millones de euros, un aumento del 1% sobre los datos de 2017 y un máximo histórico para la categoría. Los volúmenes de producción están aumentando en todas las especies de carne y se están apuntando nuevos mercados.

### **Las cámaras privadas de televisión serán obligatorias en los mataderos de Escocia**

15/01/2019 Los mataderos de Escocia deberán tener instaladas cámaras privadas de televisión, de circuito cerrado, en todas aquellas dependencias donde tengan ganado, según una nueva normativa aprobada por el gobierno de Escocia.

De acuerdo con Mairi Gougeon, ministra de Asuntos Rurales, la medida será obligatoria a finales de este año 2019 aunque ya el 80% de las instalaciones cuenta con este tipo de cámaras instaladas de forma voluntaria.

Gougeon asegura que con estas cámaras se incrementarán aún más los altos estándares del sector ganadero y cárnico de Escocia.

Desde la Asociación Británica de Veterinaria (BVA) han asegurado que la medida era "una gran victoria para la salud y el bienestar de los animales". La presidenta de la división escocesa de la BVA, Melissa Donald, ha asegurado que "la introducción de legislación garantiza la coherencia en todos los ámbitos y ayudará a mantener los estándares de bienestar en todas las etapas de la cadena de suministro. Los veterinarios oficiales en mataderos de Escocia podrán usar este tipo de cámaras como complemento al seguimiento del bienestar animal y también tendrán acceso sin restricciones a las imágenes para que puedan identificar y resolver cualquier incumplimiento en la regulación de manera efectiva".

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Mercado ganadero sufre el impacto de las temperaturas invernales**

January 14, 2019 A major winter storm this past week extended in a belt across the middle of the country from Denver east to the mid-Atlantic coast. Heavy snow hit parts of feedlot country across eastern Colorado, Kansas, southeastern Nebraska, southern Iowa and the eastern Corn Belt. Much of Nebraska and the northern Plains along with the Texas panhandle were spared the worst of the snow but rain has created wet, sloppy conditions in many places that will impact cattle performance in feedlots and in the country. Recent weather may delay fed cattle marketing enough to help support fed cattle prices or push prices higher. Whether or not weather impacts are widespread enough to noticeably impact overall market conditions, cattle producers in many areas face significant management headaches due to the weather.

Winter weather often impacts feedlot performance and efficiency. Feedlots typically post the lowest seasonal average daily gains (ADG) for cattle marketed in March to May which reflects cattle fed over the previous four to six months. This likely includes the negative impacts of winter weather on feedlot performance but also partly reflects the fact that feedlots place the highest proportion of lightweight cattle (which have lower ADG) in the fall and feed them through the winter. Feedlots also experience poorer feeding efficiency in the winter with the highest feed to gain ratios of the year posted for cattle marketed in February and March. This occurs despite the fact that lightweight cattle placed in the fall have lower feed to gain ratios relative to heavier feedlot placements. This again indicates the impact of winter weather on cattle feeding. Not surprisingly, feedlots post the highest animal morbidity and mortality rates for cattle fed through the winter.

In Oklahoma, wet, sloppy conditions are a major challenge, especially across the southern half of the state. Oklahoma cattle producers are reluctant to complain about moisture in a place that so often suffers from drought but exceptionally wet conditions this fall and winter have created significant headaches for cow-calf and stocker producers. The past six months is the wettest for the period on record for the statewide average and regionally is the wettest period for the south central region of the state and the second wettest for the southeast and west central regions. The southwest, central and north central regions have seen the fifth, sixth and seventh wettest periods, respectively, in the past six months.





Cold weather increases animal maintenance requirements and boosts feed needs. The Oklahoma Mesonet provides a cattle comfort advisor to help producers adjust cattle management in adverse weather conditions. The cattle comfort index is based on temperature, wind, relative humidity and solar radiation. As has often been the case recently, rain or wet conditions that produce a wet hair coat on cattle mean that the calculated cattle comfort advisor index must be adjusted even lower. In these conditions, cattle producers need to increase the quantity and often the quality of feed for cattle to avoid production losses or impacts on pregnant or lactating cows or for stockers.

### **Industria intenta salvaguardar el uso de la palabra “CARNE”**

Friday, Jan. 11, 2019, next to "The Impossible Burger", right, a plant-based burger containing wheat protein, coconut oil and potato protein among its ingredients. The ingredients of the Impossible Burger are clearly printed on the menu at Stella's Bar & Grill in Bellevue, Neb., where the meat and non-meat burgers are served. More than four months after Missouri became the first U.S. state to regulate the term "meat" on product labels, Nebraska's powerful farm groups are pushing for similar protection from veggie burgers, tofu dogs and other items that look and taste like meat. (AP Photo/Nati Harnik)

LINCOLN, Neb. (AP) — More than four months after Missouri became the first U.S. state to regulate the term "meat" on product labels, Nebraska's powerful farm groups are pushing for similar protection from veggie burgers, tofu dogs and other items that look and taste like real meat.

Nebraska lawmakers will consider a bill this year defining meat as "any edible portion of any livestock or poultry, carcass, or part thereof" and excluding "lab-grown or insect or plant-based food products." It would make it a crime to advertise or sell something "as meat that is not derived from poultry or livestock."

Similar measures aimed at meat alternatives are pending in Tennessee, Virginia and Wyoming. They come amid a debate over what to call products that are being developed using the emerging science of meat grown by culturing cells in a lab. Supporters of the science are embracing the term "clean meat" — language the conventional meat industry strongly opposes.

The issue strikes a particularly strong chord in Nebraska, one of the nation's top states for livestock production, where cars roll down the interstate with "Beef State" license plates and the governor each year proclaims May as "Beef Month."

Farm groups have found an unusual ally in state Sen. Carol Blood, a city-dwelling vegetarian from the Omaha suburb of Bellevue. Blood, who grew up on a farm, said she introduced the measure because agriculture is Nebraska's largest industry and needs to be protected for the good of the whole state.

"I'm not bringing this bill to tell people what they can and can't eat," she said. "All I'm asking for is truth in advertising. It's clear that meat comes from livestock, and livestock is our livelihood in Nebraska."

Nebraska led the nation in commercial red meat production in 2017 and had the most feed cows as of last year, according to the U.S. Department of Agriculture. Livestock and livestock product sales generated an estimated \$12.1 billion for the state's economy in 2016, according to the USDA's most recent available data.

The measure is certain to face resistance from food producers that sell plant-based alternatives, as well as those working to bring lab-grown meat to market. Critics say the bill infringes on the free-speech rights of companies that produce vegetarian alternatives to real meat.

The Good Food Institute, the American Civil Liberties Union of Missouri, the Animal Legal Defense Fund and plant-based food company Tofurkey have filed a federal lawsuit challenging the Missouri law. They argue the law unfairly stifles competition.

The Nebraska bill "would censor food labels and create consumer confusion where there is none," said Jessica Almy, director of policy for the Washington-based Good Food Institute. "You can't censor speech just to promote one industry's financial success."

Supporters of the Nebraska measure say they want to ensure people aren't misled about what they're eating.

Blood said she proposed the measure after seeing two women in a grocery store who couldn't tell whether a product contained meat or a substitute. She said her proposal wouldn't require inspections of product labels, as Missouri's law does.

"I don't want to be the meat police," she said.

Under the Nebraska bill, violations would bring a misdemeanor charge punishable by up to a year in jail and a \$1,000 fine.

"Consumers have a right to know what they're buying," said John Hansen, president of the Nebraska Farmers Union. "That's the case whether it's a vegetarian product or not. There ought to be clear, honest and accurate labeling, and then let the marketplace make the choices."

Hansen said his group's livestock producers are particularly concerned about whether consumers will be able to differentiate between meat grown in the lab and farm-grown beef, pork and chicken.

Pete McClymont, executive vice president for the group Nebraska Cattlemen, said his organization's concern rises partly from the growth of products labeled as almond and soy milk, which have become an



increasingly popular alternative to cow's milk. McClymont said his group still needs to review specific details of the Nebraska proposal, but will push for any law that protects the state's livestock producers. "When I go out and speak to our membership, this is right near the top of what people are passionate about," he said.

## **Cierre del gobierno**

### **FSA ofrece servicios limitados**

January 16, 2019

Farm Service Agency (FSA) offices will reopen amid the partial government shutdown to provide loan and payment assistance for farmers and ranchers according to USDA Secretary Sonny Perdue.

From a USDA press release:

#### *USDA to Reopen FSA Offices for Limited Services During Government Shutdown*

*(Washington, D.C., January 16, 2019) – U.S. Secretary of Agriculture Sonny Perdue today announced that many Farm Service Agency (FSA) offices will reopen temporarily in the coming days to perform certain limited services for farmers and ranchers. The U.S. Department of Agriculture (USDA) has recalled about 2,500 FSA employees to open offices on Thursday, January 17 and Friday, January 18, in addition to Tuesday, January 22, during normal business hours. The offices will be closed for the federal Dr. Martin Luther King, Jr. holiday on Monday, January 21.*

*In almost half of FSA locations, FSA staff will be available to assist agricultural producers with existing farm loans and to ensure the agency provides 1099 tax documents to borrowers by the Internal Revenue Service's deadline.*

*"Until Congress sends President Trump an appropriations bill in the form that he will sign, we are doing our best to minimize the impact of the partial federal funding lapse on America's agricultural producers," Perdue said. "We are bringing back part of our FSA team to help producers with existing farm loans. Meanwhile, we continue to examine our legal authorities to ensure we are providing services to our customers to the greatest extent possible during the shutdown."*

*Staff members will be available at certain FSA offices to help producers with specific services, including:*

*Processing payments made on or before December 31, 2018.*

*Continuing expiring financing statements.*

*Opening mail to identify priority items.*

*Additionally, as an intermittent incidental duty, staff may release proceeds from the sale of loan security by signing checks jointly payable to FSA that are brought to the county office by producers.*

*Information on the locations of FSA offices to be open during this three-day window will be posted:*

*On the USDA website.*

*On Twitter at @SecretarySonny and @USDA.*

*On USDA's Facebook.*

*While staff are available in person during this three-day window, most available services can be handled over the phone. Producers can begin contacting staff on January 17 here.*

*Additionally, farmers who have loan deadlines during the lapse in funding do not need to make payments until the government shutdown ends.*

#### *Other FSA Programs and Services*

*Reopened FSA offices will only be able to provide the specifically identified services while open during this limited time. Services that will not be available include, but are not limited to:*

*New direct or facility loans.*

*New Farm loan guarantees.*

*New marketing assistance loans.*

*New applications for Market Facilitation Program (MFP).*

*Certification of 2018 production for MFP payments.*

*Dairy Margin Protection Program.*

*Disaster assistance programs, such as:*

*Livestock Indemnity Program.*

*Emergency Conservation Program.*

*Wildfires and Hurricanes Indemnity Program.*

*Livestock Forage Disaster Program.*

*Emergency Assistance for Livestock, Honeybees and Farm-Raised Fish.*

*While January 15, 2019 had been the original deadline for producers to apply for MFP, farmers have been unable to apply since December 28, 2018, when FSA offices closed because of the lapse in federal funding. Secretary Perdue has extended the MFP application deadline for a period of time equal to the number of business days FSA offices end up being closed, once the government shutdown ends. These announced days of limited staff availability during the shutdown will not constitute days open in calculating*



*the extension. Producers who already applied for MFP and certified their 2018 production by December 28, 2018 should have already received their payments.*

### **No publican informes fundamentales**

January 16, 2019 Last week appeared to bring no movement toward a resolution regarding the partial government shutdown. As such, several reports were not available, including the World Agriculture Supply and Demand Estimates, Quarterly Grain Stocks, Winter Wheat and Canola Seedings and weekly export sales. Next week will see the absence of the Livestock Slaughter and Cattle on Feed report, and if this shutdown goes into February, the semi-annual Cattle report will be affected.

The markets will continue to make assumptions about the content of these missing reports. The longer the lack of information prevails, the greater the market correction may be when the reports resume, especially if the reports say something different than the market assumed. The cattle markets care about last week's missing reports, because they gave the final information on the size of the 2018 corn harvest, the speed in which corn is being used, and the first hint of information regarding how many acres of each crop will be planted in 2019. The market is trading on old-information, a less-than-desirable situation.

The WASDE report likely would have shown a decrease in 2018 corn yield. Additionally, poor harvest conditions affected acreage as well as yield. The USDA would likely have lowered 2018 corn production from 14.626 billion bushels to around 14.545 billion bushels. The February report will begin to adjust the demand side of the equation and examine more closely whether usage estimates for ethanol or exports needs to be adjusted.

Corn demand appears to be strong, with exports appearing to be greater than USDA expectations and feed and residual usage likely up. Ethanol production has been low, but strength in other usage likely makes up for the lower ethanol production. The overall impact of these demand factors would likely have USDA keep usage constant in February.

As the year progresses, we will need information on acreage intentions to get a glimpse into long-term corn prices, but for now, expect corn price to continue to behave seasonally and increase until mid-April/early-May.

### **USDA: Carne bovina: saludable y sustentable**

17 January 2019 US - Recent reports question beef's role in a healthy, sustainable diet. Beef is healthier and more sustainable today than at any point in time.

History and well-established research have consistently shown that practical, balanced dietary patterns grounded in science promote health and sustainability, not eliminating single foods, like beef.<sup>i</sup> <sup>ii</sup>

US the leader in sustainable beef production<sup>iii</sup>

Research recently conducted by the USDA's Agricultural Research Service (ARS) and The Beef Checkoff, and published in the journal *Agricultural Systems*, found that data commonly used to depict beef cattle's environmental impact in the US is often overestimated.

The study, which is the most comprehensive beef lifecycle assessment to-date, evaluated greenhouse gas emissions, feed consumption, water use and fossil fuel inputs. In all these areas, beef's environmental impacts were found to be less than previously reported.<sup>iv</sup> Specifically, the report found:

Beef production, including the production of animal feed, is responsible for only 3.3 percent of greenhouse gas emissions in the US;

Per pound of beef carcass weight, cattle only consume 2.6 pounds of grain, which is similar to pork and poultry;

Corn used to feed beef cattle only represents approximately 9 percent of harvested corn grain in the US, or 8 million acres;

On average, it takes 308 gallons of water, which is recycled, to produce a pound of boneless beef. In total, water use by beef is only around 5 percent of US water withdrawals;

Total fossil energy input to US beef cattle production is equivalent to 0.7 percent of total national consumption of fossil fuels.

Not only does this data demonstrate that cattle's environmental impact is less than often reported, thanks to cattle's unique digestive system they can actually help mitigate food waste.<sup>v</sup>

"Cattle are natural upcyclers, which means most of what cattle eat can't be consumed by humans and would otherwise end up in the landfill," explained Sara Place, PhD, Senior Director of Sustainable Beef Production Research for the National Cattlemen's Beef Association, a contractor to the Beef Checkoff.

"At the end of the day, cattle generate more protein for the human food supply than would exist without them because their unique digestive system allows them to convert human-inedible plants into high-quality protein."<sup>vi</sup>

It's also important to note that beef continues to become more sustainable in the US thanks to innovation and production efficiencies. In the US today, the same amount of beef is produced with one-third fewer cattle as compared to the mid-1970s, according to USDA's National Agricultural Statistics Service. If the



rest of the world were as efficient as the US, global beef production could double while cutting the global cattle herd by 25 percent.vii

Beef supplies essential nutrients and promotes health in a uniquely efficient wayviii ix

A 3-ounce serving of lean beef provides 10 essential nutrients in about 170 calories, including high-quality protein, zinc, iron and B vitamins. No other protein source offers the same nutrient mix.xiii Furthermore any one of the nearly 40 cuts of beef considered lean can be included as part of a heart-healthy diet to support cardiovascular health, according to recent research from Purdue University.x

Additionally, research has consistently demonstrated that the nutrients in beef promote health throughout life.xi xii xiii xiv xv xvi xvii In particular, the protein, iron, zinc and B-vitamins in beef help ensure young children start life strong, building healthy bodies and brains.xi xii xiii xiv

Protein is also especially important in aging populations due to its ability to help build and maintain muscle. After 50 years of age, adults are at risk for losing muscle mass, leading to falls and frailty that affect their ability to age independently.xv xvi xvii

"Research shows that beef can play an important role in promoting health and helping to prevent nutrient deficiencies," said Shalene McNeill, PhD, RD, Executive Director of Human Nutrition Research at the National Cattlemen's Beef Association, a contractor to the Beef Checkoff. "Most people already consume beef within established, science-based global dietary guidelines,ix so there is no reason to systematically reduce beef consumption."

PR NewswireJanuary 16, 2019 New study challenges widely reported assumptions about beef and carbon emissions

DENVER, Jan. 16, 2019 /PRNewswire/ -- A new study, recently published in the journal *Agricultural Systems*, is the most comprehensive beef cattle lifecycle assessment ever completed. In the report, titled *Environmental Footprints of Beef Cattle Production in the United States*,<sup>1</sup> the researchers found widely accepted measures related to beef cattle's impact in the U.S. are often overestimated.

The comprehensive lifecycle assessment, conducted by the USDA's Agricultural Research Service and The Beef Checkoff, was designed to scientifically quantify the sustainability of U.S. beef production. This was accomplished by collecting and examining feed and cattle production-related data from more than 2,200 cattle producers in seven regional production areas. Conclusions were derived using a simulation model and the regional production data to estimate national impacts in greenhouse gas (GHG) emissions, fossil energy use, blue water consumption and reactive nitrogen loss.

Notable study findings include:

**Greenhouse gas emissions:** Beef production, including the production of animal feed, is responsible for only 3.3 percent of greenhouse gas emissions in the U.S. This is dramatically lower than the often-misapplied global livestock figure of 14.5 percent<sup>2</sup>. Furthermore, through continuous improvements in production practices, U.S. beef farmers and ranchers have avoided 2.3 gigatons of carbon emissions since 1975<sup>3</sup>.

**Grain feed consumption:** Per pound of beef carcass weight, cattle only consume 2.6 pounds of grain. This is comparable to feed conversion efficiencies of pork and poultry. Additionally, nearly 90 percent of grain-finished cattle feed is inedible to humans, meaning these plants can only provide value to humans when they're upcycled by cattle into high-quality protein.

**Corn feed consumption:** Corn used to feed beef cattle only represents approximately 9 percent of harvested corn grain in the U.S., or 8 million acres. By comparison, 37.5 percent of corn acreage in the U.S. is used for producing fuel ethanol<sup>4</sup>.

**Water use:** On average, it takes 308 gallons of water to produce a pound of boneless beef. Previous reports have estimated upwards of 24,000 gallons<sup>5</sup>. Additionally, water use by beef is only around 5 percent of U.S. water withdrawals, and this water is recycled.

**Fossil fuel inputs.** Total fossil energy input to U.S. beef cattle production is equivalent to 0.7% of total national consumption of fossil fuels.

"This lifecycle assessment delivers the most comprehensive and accurate assessment of the environmental impact of beef cattle in the U.S. to date," said USDA researcher and study co-author Alan Rotz.

The study assessed cattle production in the farm and ranch portion of the beef supply chain, including emissions associated with energy, feed, machinery, seed, pesticide and other resources used in production. Related work is in-progress to assess production further down the supply chain, including processing, packing, distribution, retail, consumption and waste handling. Together, these reports will comprise the most detailed and comprehensive assessment of U.S. beef's sustainability to-date.

"This work produces baseline data the cattle industry can use to continue to improve the environmental and economic sustainability of U.S. beef," said Sara Place, Ph.D., study co-author and Senior Director of Sustainable Beef Production Research at the National Cattlemen's Beef Association, a contractor to the





Beef Checkoff. "Investments in this type of research demonstrate a continuous commitment to environmental stewardship by America's farmers and ranchers."

## VARIOS

### **SUDÁFRICA Brote de fiebre aftosa golpea a la industria cárnica**

17 de enero de 2019 La industria de la carne vacuna de Sudáfrica reportó graves pérdidas tras la prohibición de exportaciones de países vecinos debido a la confirmación de un brote de fiebre aftosa.

En un comunicado divulgado por el Departamento de Agricultura, Silvicultura y Pesca y por la industria cárnica del país, el caso de la fiebre aftosa fue confirmado en el distrito de Vhembe, en Limpopo.

Esto llevó a la Organización Mundial de la Salud Animal (OIE) a suspender el estatus de libre de aftosa de Sudáfrica, lo que a su vez, hizo que algunos países comerciales vecinos prohibieran las exportaciones. Según el comunicado, "esas prohibiciones causaron graves perjuicios a la industria".

El gobierno enfatizó que el brote fue limitado al distrito de Vhembe, en la aldea de Sundani, y que el número de bovinos afectados era inferior a 50 en un área con cerca de 10.000 a 15.000 cabezas. El área está bajo cuarentena y los procesos de vacunación se iniciaron en el intento de prevenir nuevas infecciones mientras se produce una investigación sobre el brote.

### **VIETNAM reduce aranceles de importación de carnes en el marco del TPP -11**

USMEF January 15, 2019 The main beneficiaries of the CPTPP tariff rate reductions for beef will be Canada and Mexico, which will see Vietnam's import duties on boneless beef decline from 15% to 5% initially, then drop to zero in 2020. ( MGN )

The Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership (CPTPP) entered into force Dec. 30 for the six countries (Japan, Mexico, Singapore, Canada, New Zealand and Australia) that ratified the agreement by the end of October. Vietnam ratified CPTPP in mid-November, so its implementation of the agreement began on Monday, Jan. 14 - including initial reductions in Vietnam's import duty rates for beef and pork from CPTPP participants.

U.S. Meat Export Federation (USMEF) Economist Erin Borrer explains that Vietnam is a promising market for U.S. beef and pork, but one that is highly competitive and very price-sensitive.

The main beef exporting countries in CPTPP are Australia, Canada, New Zealand and Mexico. Beef from Australia and New Zealand already enters Vietnam duty-free under existing trade agreements with the Association of Southeast Asian Nations (ASEAN). So the main beneficiaries of the CPTPP tariff rate reductions for beef will be Canada and Mexico, which will see Vietnam's import duties on boneless beef decline from 15% to 5% initially, then drop to zero in 2020. For bone-in beef, the duty rate declines from 20% to 6.6% initially and to zero in 2020. Vietnam's 10% duty rate on beef variety meat drops to 6% initially and is phased to zero over the next four years.

Borrer adds that Canada and Mexico will also see the most benefit from Vietnam's reductions in pork import duties. Initially the duty rate for pork will drop from 15% to 11.2% under CPTPP, then decline to zero over the next seven years. For pork variety meat, the rate drops from 10% to 6%, then declines to zero over the next four years.

### **NUEVA ZELANDA: menor plantel lechero, crece el rodeo bovino**

17 January 2019 The number of dairy cattle has dipped for the second year, while beef cattle numbers increased strongly in 2018, Stats NZ said today.

Provisional figures from the 2018 agricultural production census showed dairy cattle numbers fell 1 percent, to 6.4 million in June 2018.

"This followed a similar small dip in 2017, though overall dairy cattle numbers have been relatively steady since 2012," agricultural production statistics manager Stuart Pitts said.

Total dairy cattle were at their highest level in 2014 at 6.7 million.

"Dairy products are a huge export for New Zealand. The value of milk powder, butter, and cheese exports for the year ended June 2018 was 14.1 billion."

Beef cattle numbers rose for the second year in a row, up 5 percent to 3.8 million in 2018.

Total sheep numbers eased again in 2018, down 1 percent to 27.3 million.

"Sheep numbers have fallen in 10 of the past 12 years, in total down about 12.8 million from about 40.1 million in 2006," Mr Pitts said.

"New Zealand now has 5.6 sheep for every person, after peaking at 22 sheep for every person in 1982."

Stock units decline since 1990

A large fall in sheep and beef cattle numbers since 1990 means overall stock units have fallen in the past 28 years, despite a rise in dairy cattle numbers.

A 'stock unit' means different types of animals can be compared, based on the food they eat and how much they weigh.





The stock unit is based on the annual feed needed for a 55kg ewe rearing a single lamb. A dairy cow is the equivalent of about seven ewes, so is counted as seven stock units, compared with just one stock unit for a ewe.

In 1990 there were 100 million stock units in total, more than half of those sheep, with most of the rest in beef and dairy cattle. Deer make up a small part of the total.

By 2004, total stock unit numbers fell to 94 million and in 2018 that was down to 86 million.

"The large drop in stock units since 1990 mainly reflects a halving in sheep numbers, down from 53 million stock units to 25 million," Mr Pitts said.

"In the same period, dairy stock units almost doubled to 41 million. By 2018 dairy cattle made up almost half of all livestock units."

The Ministry for Primary Industries' latest report, updated 11 January 2019, showed that about 52,000 dairy cattle have been culled as part of the response to *Mycoplasma bovis*.

### **CANADA entran en vigencia nuevas reglas de seguridad alimentaria**

16 January 2019 - Canadian Meat Council (CMC) applauds the Canadian Food Inspection Agency (CFIA) as today marks the historic coming into force date of the Safe Food for Canadians Regulations.

"The meat industry is one of the most heavily regulated sector in Canada. We have a long-standing relationship with CFIA and these regulations are an essential building block of a risk-based, modern food safety system that is long overdue," says Chris White, President and CEO of CMC.

The outcome-based regulations will allow a greater degree of flexibility and innovation that could build efficiencies in the industry. CMC will continue to work with the CFIA to ensure ongoing consistent application and enforcement of the SFCR, and support the implementation at its members' establishments. CMC will keep working with the CFIA as a partner in providing safe, high-quality, and nutritious meat to Canadians and the rest of the world.

17 January 2019 - The Canadian Meat Council is welcoming the historic coming into force of the Safe Food for Canadians Regulations.

The Safe Food for Canadians Regulations, administered by the Canadian Food Inspection Agency, came into force Tuesday.

Chris Nash, the Director of Regulatory Affairs with the Canadian Meat Council, says the new regulations bring consistency to the inspection of all foods in Canada.

Mr Nash says: "Pretty much all food companies now fall under this regulation.

"The Safe Food for Canadians Regulations is basically the combination of all the previous inspection regulations, so meat inspection regulations, fish inspection and some other things are pulled into this one regulation now governing food safety in Canada so all food companies essentially fall under this including, to some extent, importers and exporters of food.

"The Canadian Meat Council has welcomed this regulation for a few different reasons.

"It helps with ensuring consistency and standardization across different food commodity groups where as before meat companies were inspected under the meat inspection regulations and many some other kind of food wasn't fully inspected.

"We've supported this because it's also outcome based, meaning that a company has a little bit more flexibility on how to meet the regulation.

"This flexibility will allow for more innovation and can build efficiencies within the industry as well.

"The meat industry has always had a good relationship with CFIA.

"CMC especially has had a great relationship with CFIA and over the past six months we've worked well with them since the regulations were published and come into force."

Mr Nash says there was always over sight in one way or another but this brings it all together.

He says the CFIA is now looking at foods in the same way so consumers can be assured there's a high level of food safety protection for all foods across Canada.

## **EMPRESARIAS**

### **BRASIL Programa Carne Pampa creció el número de animales en 2018**

15/01/19 - por Equipe BeefPoint O ano terminou com motivos de sobra para comemorar as duas décadas do Programa Carne Pampa, da Associação Brasileira de Hereford e Braford (ABHB), com 51,1 mil animais certificados em 2018 – 22% a mais do que em 2017, quando foram certificadas 41,9 mil carcaças.

Os números comprovam os avanços do mais antigo programa de carne qualidade do Brasil, principalmente na última década. Comparado a 2006, que registrou 2,5 mil certificações, o volume anual já é 20 vezes maior.



Atualmente, seis plantas frigoríficas distribuem a Carne Certificada Hereford (CCH) ao mercado: duas no Rio Grande do Sul, duas em Santa Catarina, uma no Paraná e outra em São Paulo, que passou a integrar a lista em setembro de 2018.

A quantidade de carne embalada com o selo CCH durante o ano passou de mil toneladas. A gerente do Programa Carne Pampa, Fabiana Freitas, destaca a recuperação do setor, após um decréscimo de 2016 para 2017.

“De um déficit de 12%, com a saída de três unidades frigoríficas, o que representou uma queda considerável nos nossos números de produção, nós conseguimos reverter esse cenário em 2018”, pondera.

A perspectiva para 2019 e 2020 é de aumentar o número de abates e conquistar a abertura de novos mercados nas regiões Centro-Oeste e Norte do país. Hoje, três mil produtores fornecem animais para o programa.

Pioneiro na certificação de carne no Brasil, o Programa Carne Pampa completou 20 anos com importantes conquistas.

Fundado em 1998, realizou o primeiro abate em 1999, em um frigorífico de Bagé (RS).

As atividades foram interrompidas no final de 2001, em decorrência de um surto de febre aftosa no país, e retomadas em 2005, somando 417,8 mil animais certificados até o fim de 2018.

Já são mais de dois mil pontos de venda, distribuídos em todo o país, de boutiques de carnes a grandes redes de supermercados.

Hoje, a Carne Certificada Hereford é servida com exclusividade em nove locais, sete deles localizados em São Paulo.

No Rio Grande do Sul, são dois: a Los Cinco Parrillaria, recém aberta em Porto Alegre, e o Parador Hampel em São Francisco de Paula, que além do cardápio com 100% carne Hereford, realiza todos os domingos o projeto A Ferro e Fogo, um tradicional assado gaúcho no fogo de chão.

Durante o ano comemorativo, a Carne Certificada Hereford também foi destaque em importantes eventos gastronômicos, como a Churrascada 2018, com o primeiro Dry Aged certificado do Brasil, em parceria com o especialista em carnes Rogério Betti, o Mesa São Paulo, que reuniu os maiores chefs da América Latina, como o argentino Francis Mallmann, e o lançamento do blend de hambúrguer Best Beef Hereford, assinado pelo chef Marcos Livi.

Como funciona a certificação – O selo Carne Certificada Hereford é parte do Programa Carne Pampa, criado pela ABHB com base na seleção zootécnica de bovinos das raças Hereford e Braford.

Ao longo de duas décadas de existência, o programa aprimorou constantemente seus processos de certificação de produtos cárneos, tornando-se referência no setor.

A ABHB concede o selo Carne Certificada Hereford a todo produto que foi auditado e classificado pela entidade, sendo necessário o acompanhamento de um técnico certificador do programa, desde a obtenção da matéria prima (animal vivo) até a expedição do produto final (carne embalada).

Todo o produto que for obtido e processado conforme o Protocolo Carne Certificada Hereford, aprovado junto à CNA, está apto a ser identificado com o selo de qualidade na embalagem, acompanhado da marca comercial do frigorífico parceiro.

### **Carrefour monitorará a sus provedores de carnes en FRANCIA**

17/01/19 - por Equipe BeefPoint A rede varejista francesa Carrefour anunciou hoje que vai monitorar, por câmera, todos os frigoríficos que produzem as carnes comercializadas na França com as marcas próprias Carrefour, Carrefour Bio e Reflets de France.

Ao todo, 84 auditorias serão realizadas até o fim de 2019 pela rede varejista.

“O Carrefour se torna a primeiro varejista francesa a solicitar câmeras dentro dos abatedouros”, informou a rede, em comunicado.